

Demarcação de telas: um olhar sobre a produção audiovisual indígena do Vídeo nas Aldeias à Rede Katahirine¹

Carolline Leite²

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Resumo

As representações dos povos indígenas brasileiros no cinema e nas mídias audiovisuais se dão, em sua maioria, num contexto colonial, que se perpetua desde as suas primeiras representações até os tempos atuais e tem impacto na visão geral da população do país sobre esses povos. Este artigo se propõe a olhar para iniciativas dos próprios povos originários que apresentam novas perspectivas sobre si mesmos, produzindo coletivamente um novo olhar decolonial.

Palavra-chave: indígena; cinema; decolonial; coletivo; audiovisual.

A representação do indígena aparece já em filmes captados pela Comissão Rondon, no início do século XX, durante expedições para reconhecer e ocupar partes ainda desconhecidas do território brasileiro. Durante as atividades, a comissão obteve uma documentação importante sobre os povos contactados na época, com destaque para “Os Sertões de Mato Grosso” (1912-1913), “Expedição Roosevelt” (1914) e “Rituais e Festas Bororo” (1916). Apesar do caráter educativo e científico, essas produções “transportavam consigo as interpretações subjetivas dos operadores [quem produzia as imagens], inseparáveis dos discursos dos respectivos impérios e dos objetivos institucionais da sociedade ocidental.” (SILVA RIBEIRO, 2005, p. 615). Essa visão colonial se transportou para as mais diversas representações desses povos nas comunicações, no cinema e no imaginário do povo brasileiro.

O projeto Vídeo nas Aldeias traz uma nova perspectiva sobre os povos originários brasileiros, a partir do seu próprio olhar. Ele foi criado em 1986, já durante o processo de redemocratização. O objetivo era apoiar as lutas dos povos indígenas para fortalecer suas identidades e seus patrimônios territoriais a partir da produção compartilhada de material audiovisual. As primeiras experiências surgiram dentro da ONG Centro de Trabalho Indigenista, a partir do trabalho do antropólogo e cineasta Vincent Carelli com o povo Nambiquara, que habita os estados de Mato Grosso e Rondônia. O ato de filmá-los e de

¹ Trabalho apresentado no GP Cinema, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: carollinesfleite@gmail.com.

deixá-los assistir ao material filmado gerou uma mobilização coletiva, que fez com que a experiência fosse levada a outros grupos.

A partir dessa experiência, foi se criando uma rede de distribuição dos vídeos produzidos pelos indígenas que possibilitou depois o encontro físico de povos que tinham se conhecido através do vídeo. O filme “A Arca dos Zoé” (1993), retrata um desses encontros entre povos, agora não entre brancos e indígenas, mas entre duas etnias.

Outro ponto de virada importante se dá no surgimento de novas cinematografias nascidas no interior de outros grupos e coletivos compostos apenas por indígenas, como a Associação Cultural de Realizadores Indígenas (ASCURI), do Mato Grosso do Sul, que reúne indígenas Guarani, Kaiowá e Terena. A associação criada em 2008 se coloca como “uma alternativa frente ao modo predominante de se pensar e de se fazer cinema na América Latina” (ASCURI, 2023).

O Coletivo Kuikuro de Cinema, fundado na aldeia Ipatse, no Parque Nacional do Xingu, também nasce sob influência do Vídeo nas Aldeias, a partir da experiência do cineasta Takumã Kuikuro no projeto. Atualmente, ele e o coletivo já levam, por conta própria, os seus conhecimentos audiovisuais para outras aldeias da região e organizam exposições para outras etnias.

Destaco, por fim, a Katahirine - Rede Audiovisual das Mulheres Indígenas, em maio de 2023. A plataforma reúne 71 mulheres de 32 etnias que pretendem agir “nas tomadas de decisão e gestão de recursos de realizações audiovisuais e criar de acordo com as suas concepções de mundo e de vida” (KATAHIRINE, 2023):

A criação da Katahirine – Rede Audiovisual das Mulheres Indígenas vem afirmar a importância de construir uma rede política de encontros, diálogos, pesquisa e reflete a urgência de repensarmos a maneira como reproduzimos nossa educação colonial como sociedade. O racismo e o machismo estruturais no Brasil afetam nossas vidas e apesar de sermos muitas mulheres originárias que representam suas cosmovisões por meio da linguagem audiovisual, é pouco o reconhecimento que temos e portanto, ínfima a valorização dos nossos trabalhos. (KATAHIRINE, 2023).

Os coletivos indígenas de produção audiovisual procuram transgredir esses espaços que são concedidos utilizando os materiais e códigos compartilhados dos brancos, sem perder a identidade de seu povo, “gerando desvios em sua arquitetura atual” (ROLNIK, 2019).

Referências

- ARAÚJO, J. J. de. Cineastas indígenas, documentário e autoetnografia: um estudo do projeto Vídeo Nas Aldeias. 2015. Tese (Doutorado em Multimeios) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.
- ASCURI. ASCURI: Nosso Jeito de Ser - Ñadereko/Kixovoku. 2023. Disponível em: <https://ascuri.org/nosso-jeito>. Acesso em: 25 mar. 2023.
- BANDEIRA, Philipi Emmanuel Lustosa. Documentário radical ou a ficção como colaboração: invenção, disjunção e cinema compartilhado. Devir e cosmovisão em As Hipermulheres. Recife, 2017.
- CANTON, Luciana Giannini. Andrea Tonacci: do Teatro das Verdades às Cenas de Ficção em Interprete Mais, Pague Mais e Serras da Desordem. São Paulo, 2014.
- BERARDO, Rosa. A representação da alteridade: estereótipos do índio brasileiro no cinema de ficção da década de 70. **Comunicação & Informação**, v. 5, n. 1/2, p. 63-75, 2002.
- BRASIL, André. Ver por meio do invisível: o cinema como tradução xamânica. Revista
- KASEKER, Monica; GALASSI, Adriana Nakamura; RIBEIRO, Lucas Fernando. Autorrepresentação indígena como política de identidades em luta. *Mídia e Cotidiano*, v.16, n.2, p. 63-86, maio-agosto de 2022.
- KATAHIRINE. KATAHIRINE: A rede audiovisual das mulheres indígenas. A rede. 2023. Disponível em: <https://katahirine.org.br/a-rede/>. Acesso em: 29 jun. 2023.
- PEREIRA, E. da S. Mídias nativas: a comunicação audiovisual indígena - o caso do projeto Vídeo Nas Aldeias. *C-Lenda*, n. 23, p. 61-72, 2010.
- ROLNIK, Suely. Esferas da Insurreição: notas para uma vida não cafetizada. N-1 Edições, 2019.
- SILVA RIBEIRO, José. Antropologia visual, práticas antigas e novas perspectivas de investigação. *Revista de Antropologia*. [S.l.], v. 48, n. 2, dez. 2005.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- WALSH, Catherine. ¿Son posibles unas ciencias sociales/ culturales otras? Reflexiones en torno a las epistemologías decoloniales. *Nómadas (Col)*, núm. 26, 2007, pp. 102-113.